

Economista vê única saída na renegociação da dívida

Salvador — Para reduzir a inflação, mantendo o equilíbrio nas contas externas, sem uma nova recessão, o economista Rômulo Almeida só vê um caminho, considerando os graves problemas acumulados na economia brasileira: a renegociação da dívida externa.

Mas ressalva que essa renegociação só surtirá efeito se for realizada dentro de uma política bem definida e com grande suporte popular, principalmente das forças produtivas do país. Ainda assim, segundo o economista, o controle da inflação sem desequilíbrio da balança de pagamentos não pode ser feito de uma hora para outra, pois acha que as condições criadas até o momento são muito difíceis.

JUROS ELEVADOS

Ao analisar a realidade econômica brasileira a partir de um enfoque conjuntural, Rômulo Almeida disse que ela se traduzna taxa de juros real possivelmente mais elevada do mundo. E, ao seu ver, este é um ponto-chave do problema.

Comentou que, numa recessão, com a produção agrícola a industrial estacionaria enquanto a população total cresce 2,4% e a população urbana aumenta a taxas superiores a 4%, "pior é que ninguém sabe o que o Governo quer, o que se oferece na saída desse túnel".

Numa visão histórica estrutural, Rômulo Almeida vê um país que cresceu bastante, tornou-se a oitava ou nona potência industrial do mundo, mas que tem uma imensa capacidade ociosa no seu sistema produtivo. E mais, como destacou: cerca de 70% da população mal alimentados, aumento do número absoluto dos analfabetos, ampliação das disparidades regionais e um endividamento externo "sem solução".

E considera tão grave a dívida externa sobretudo porque os recursos que ingressaram no país foram aplicados, segundo ele, de forma improdutivo, "sob a inspiração dos mitos da grandeza nacional e de um falso conceito de segurança".

SEM PERSPECTIVAS

Na opinião do economista baiano, o governo não oferece perspectiva porque, além de não ter planos, "perdeu a credibilidade, que é indispensável para que haja um esforço nacional conjunto no sentido de tirar o Brasil desse atoleiro". Lembrou que o PMDB ofereceu uma alternativa econômica, através do documento "Esperança e Mudança", mal recebido pelo Governo porque "denuncia o fracasso de sua política".

Ao defender a proposta do partido da oposição, Rômulo Almeida disse que a base fundamental dessa alternativa é a legitimidade do poder e a ampla participação popular na dis-

cussão dos problemas do país e na tomada de decisões.

— A partir daí — explicou — deve-se abandonar as políticas recessivas do Governo, objetivando o melhor aproveitamento da capacidade ociosa do nosso sistema produtivo. Deve-se exportar sem prejuízo da expansão vigorosa da produção de alimentos a distribuição da renda de uma forma sistêmica, ao mesmo tempo que se expanda a economia brasileira, mas sob o controle nacional.

Do jeito que a coisa vai, as perspectivas para a economia nacional "são muito cinzentas, pois não há uma saída por parte do Governo", segundo Almeida. Acredita que a recessão continue no próximo ano, pois a situação interna é difícil e o mercado internacional está com suas portas fechadas aos produtos brasileiros em consequência da recessão mundial, conforme afirmou o economista.

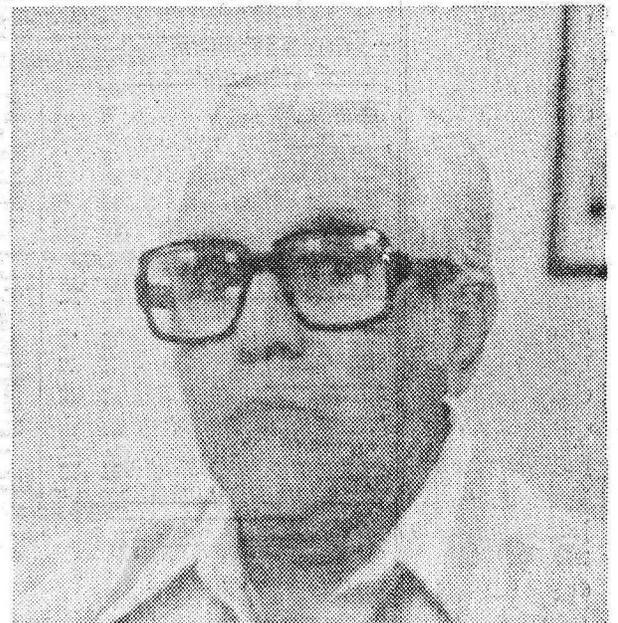
Na sua opinião, aplicando-se no Brasil as maiores taxas de juros do mundo, em termos reais, conseqüentemente há um desestímulo a novas inversões. Por-

tanto, conclui que as perspectivas a curto e médio prazos são muito tristes para a economia brasileira.

CONTAS EXTERNAS

Ao considerar possível reduzir-se a inflação mantendo o equilíbrio das contas externas, através da renegociação da dívida num clima de apoio popular, Rômulo Almeida comentou que as fórmulas recessivas não resolvem certos problemas da inflação resultantes da própria substituição de importações. Ressaltou, ainda, que a elevação dos preços internos resulta sobretudo do controle oligopolico da economia, "que resulta numa administração dos preços".

O que se precisa para combater a inflação, realmente, na concepção do economista, é aproveitar-se melhor a capacidade ociosa da indústria nacional, orientando os gastos públicos e os créditos, mas, sobretudo, tendo um esquema político em que haja a confiança de que uns grupos não serão sacrificados nas medidas de combate à inflação, em benefício de outros.



Rômulo Almeida